



Suplemento

BELO HORIZONTE, NOVEMBRO DE 2006, SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS.

O escritor Albert Camus, nascido na Argélia, aos quatorze anos, anotou em seu caderno, quando já pensava em escrever seu primeiro livro, *O avesso e o direito*, que sempre esteve “entre o sol e a miséria. A miséria impediu-me de crer que tudo vai bem sob o sol e na História; o sol me ensinou que a História não é tudo”.

Para quem conhece um pouco da vida e da obra desse escritor, sabe que não há em suas palavras, nenhuma apologia da miséria. Pelo contrário. Ao buscar o equilíbrio do “entre” como sua visão de mundo para não cair no autoritarismo excludente de uma das pontas do fio da História, Camus percebe, desde sua infância, que viver entre duas contradições traz grandes ensinamentos.

A experiência de miséria de Camus é similar à dos habitantes do Vale do Jequitinhonha que não se deixaram abater pelo processo de colonização ao abrir espaço para as inúmeras potencialidades das manifestações de arte.

Nessa viagem pelos municípios do Vale do Jequitinhonha, Serro, Diamantina, Almenara, Pedra Azul, Turmalina, Araçuaí, Salinas, e tantos outros, conheceremos a história do Vale do Jequitinhonha, desde o início de sua colonização, no século XVIII, o universo de sua arte, através das pinturas, esculturas, contadores de casos e trovadores do Vale, dos artesãos, poetas e escritores, Tadeu Martins, Gonzaga Medeiros, Maria Lira Marques, D.Zefa, Seu Didi, Tadeu Franco, Paulinho Pedra Azul, Claudio Bento, Adão Ventura, narrados por Vera Felício que, como afirma, “conto experiências porque vi, ouvi, e vivi”.

Contudo, em todos os ensaios dessa edição especial em homenagem ao Vale do Jequitinhonha, feitos por estudiosos das diversas manifestações artísticas, há, propositalmente, o privilégio da literatura oral, ou o “Dialeto do Vale”, segundo

Tadeu Martins, enquanto tradição de se guardar e transferir os conhecimentos e histórias adquiridos pelos antepassados.

“Comunidade e partilha” são as palavras-chave para a vida dos habitantes do Vale, segundo Vera Felício. Pois é exatamente dessa vivência de que nos fala Walter Benjamin, em seus textos, “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” e “Experiência e pobreza”, escritos na década de trinta. Para esse escritor há uma “experiência” que se perde com o fim da arte de contar possível apenas em uma “organização social comunitária centrada no artesanato” (Jeanne Marie Gagnebin, Prefácio a *Magia e Técnica, Arte e Política, escritos de Walter Benjamin*). A pobreza viria exatamente do fracasso dessa “experiência coletiva” com o advento do mundo industrial e suas tecnologias e da “experiência vivida”, característica do indivíduo solitário.

Essa “experiência coletiva” de uma sociedade artesanal como a do Vale do Jequitinhonha é a tentativa de resgate de tantos estudiosos que vêm se dedicando com afinco a essa tarefa tão importante como essencial.

Agradecemos a Vera Felício e Reinaldo Marques pela pesquisa “Literatura Oral no Vale do Jequitinhonha”, aos participantes do grupo de pesquisa da UFMG, “Quem conta um conto aumenta um conto”, a todos os colaboradores desta edição e em especial a Sônia Queirós, parceira solidária, que acompanhou todas as fases de confecção do jornal. Sem sua dedicação e empenho, seria impossível nossa homenagem aos artesãos, poetas, escritores e narradores do Vale onde o barro, o som, a letra, e as vozes transformam-se em “poesia, vida e história”.

Camila Diniz Ferreira
Editora



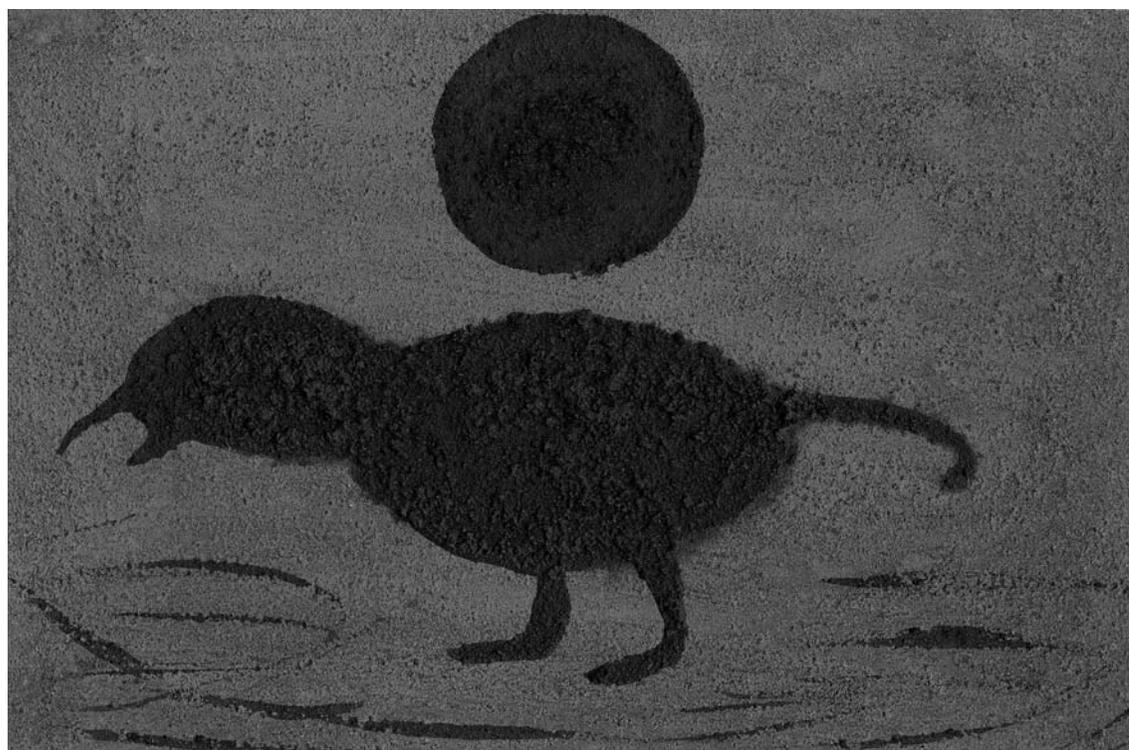
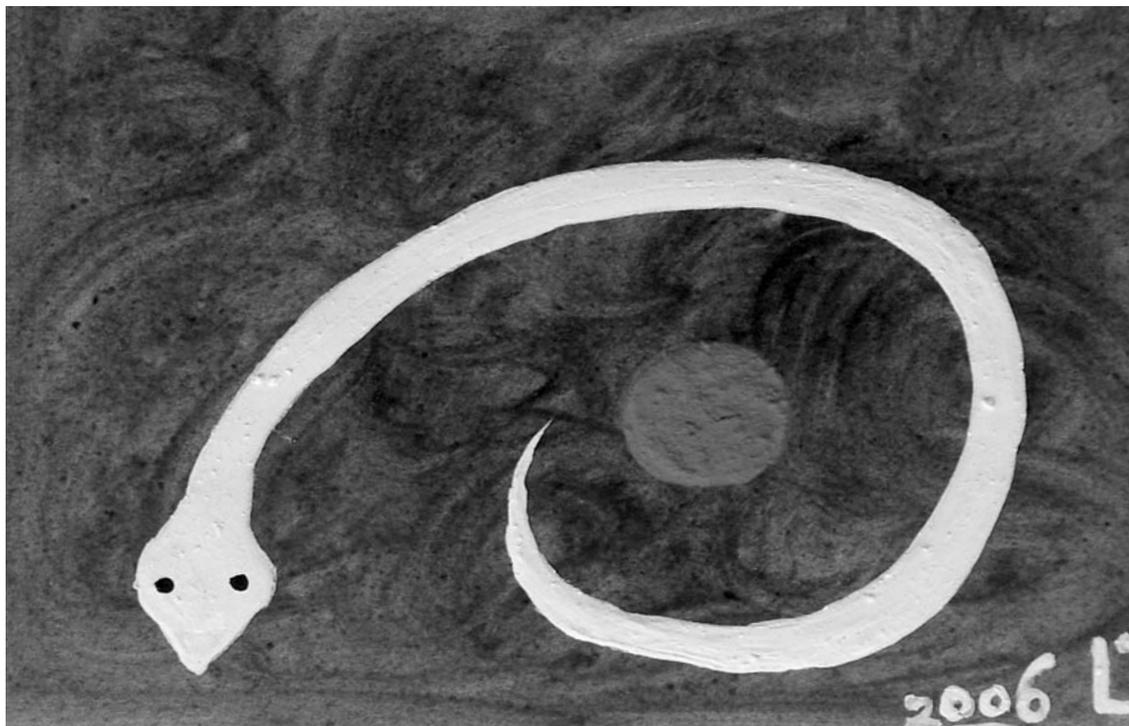
CAPA: **ADALGISA GUIMARÃES**, município de Jequitinhonha. Tecido bordado, dimensão 45x60cm, s/data. Coleção particular. Foto: Inês Gomes

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS **AÉCIO NEVES DA CUNHA**
SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA **ELEONORA SANTA ROSA** SECRETÁRIO
ADJUNTO **MARCELO BRAGA DE FREITAS** SUPERINTENDENTE **CAMILA DINIZ FERREIRA**
PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE **MÁRCIA LARICA** CONSELHO EDITORIAL
ÂNGELA LAGO + CARLOS BRANDÃO + EDUARDO DE JESUS + MELÂNIA SILVA
DE AGUIAR + RONALD POLITO EQUIPE DE APOIO **ANA LÚCIA GAMA + ELIZABETH**
NEVES + ROSÂNGELA CALDEIRA + WESLEY SILVA QUEIROS ESTAGIÁRIOS **MIMA**
CARFER + VALBER PALMEIRA + NATÁLIA DUTRA JORNALISTA RESPONSÁVEL
KÁTIA MÁSSIMO (REG. PROF. MTB 3196/ M.G.). TEXTOS ASSINADOS SÃO DE
RESPONSABILIDADE DOS AUTORES. AGRADECIMENTOS: IMPRENSA OFICIAL/
FRANCISCO PEDALINO COSTA DIRETOR GERAL, **J. PERSICHINI CUNHA** DIRETOR DE
TECNOLOGIA GRÁFICA + **LIVRARIA E CAFÉ QUIXOTE** + **LIVRARIA SCRIPTUM**.

**{SUPLE
MEN+O.**

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 - Anexo
30130-180 Belo Horizonte MG
Tel/fax: 31 3213-1072
suplemento@cultura.mg.gov.br

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.



Maria Lira Marques, pintura em barro.

Tudo é viagem. Tudo é poesia. Tudo é geografia, minério, minas, de muitos rios e ais. Uma paisagem descortinada nos olhos do poeta. Uma paisagem fica nos olhos do poeta. Um rio traça seu perfil no mapa de Minas. Um rio traça seu caminho nos mapas da emoção. O país é de pedra. O espinhaço se ergue na proteção das Gerais. Estamos entrando no Vale do Jequitinhonha. Chica da Silva nos convida para um passeio de barco. João Fernandes enlouquece diante dos diamantes de Chica e do amor que transborda. Estamos entrando no Vale. O Pico do Itambé é nossa bússola. É mundo novo. Circo, futebol de várzea, Tejuco, Biriri, tropeiros, garimpeiros, marujos, caboclos compõem este painel inusitado, rico, perplexo de um Brasil ainda desconhecido.

Vale de mil truques, espelhos, xiquexiques, goles de cachaça e o banzo corroendo as saudades. E deixar tudo virar herança no deserto da pele. E vamos viajando de mãos dadas com a poesia através das chapadas, das margens, das lavras, dos artesãos, dos garimpeiros, dos teares, e da música do Jequitinhonha.

RONALD CLAVER

Apresentação do livro Jequitinhonha, poemas de Adão Ventura por Ronald Claver. Coleção Almanaque de Minas, Mulheres Emergentes. MCMXCVII. Edição revista e ampliada.



RÔMULO VIANNA. Diagramação e ilustração para Projeto Qualidade Soma (PQS); Desing para Markmídia (Mídia impressa em geral); Layout e diagramação para Prêmio Mineiro de Gestão Ambiental (PMGA); Inúmeros trabalhos publicados entre livros, catálogos, folders e impressos em geral.

O VALE
VALE O
QUANTO
PESA

VERA FELÍCIO

FOTOS VERÔNICA MENDES PEREIRA

Palmatória quebra dedo Chicote deixa vergão Cassetete quebra costela Mas não quebra opinião

Verso de roda de Araçuaí

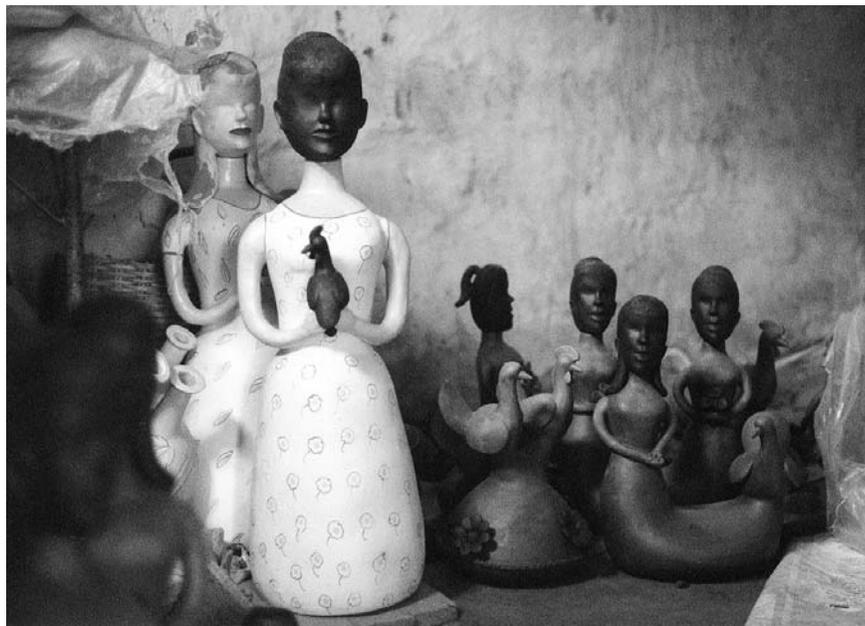
Há alguns anos, mais precisamente na década de oitenta, registrei o título acima, em pretensioso Diário de viagem ao Vale do Jequitinhonha escrito a bordo de uma velha jardineira empoadada de cor urucum que bordejava lenta às margens do Rio Jequitinhonha. O Rio, este meu velho conhecido dos tempos de menina em Diamantina, quando a alegria maior era passear pelos arredores da cidade a pisar a areia alva das praias da Sentinela e nadar na Cachoeira dos Cristais e da Toca. Águas fortes, quedas d'água, em cujas nuvens de espuma deixava vazar toda a fantasia em versos de Aureliano Lessa, de Hermes Pires Leão, imaginando-me a seguir as pegadas de Helena Morley.

Agora, entrevisto pelas janelas da jardineira repleta de gente, gente assentada, gente em pé, balaios de galos e galinhas e cestas de verdura, o Rio dos sonhos passava pelos meus olhos, ora como um fio longo, ora quase seco, barrento, e, às vezes, em violenta corredeira, na pressa precisa de alcançar o mar. Ao sol escaldante, lia os contornos dos vilarejos, dos povoados, arraiais e cidades, ardendo em desejos de fazer uma parada em todos eles, esquadrinhá-los em cada canto, a fim de contemplar os trabalhos dos artesãos, ouvindo contadores e cantores.

Ansiava pela experiência, pela aventura que já começara, de percorrer palmo a palmo o Vale e ouvir os rapsodos, cujos relatos revestidos do mágico poder de condensar as letras e o leite, o preto e o branco, o passado e o futuro, imaginava e a mim vieram na proposta acenada por um grupo de jovens intelectuais amantes da região, de suas origens e que, mais ainda, amavam a idéia visionária de apresentar ao brasileiro, não os problemas, as dificuldades econômicas e sociais, a miséria e sim a potencialidade das manifestações de arte do Vale do Jequitinhonha, o seu cabedal de conhecimentos acumulados ao longo do processo histórico de colonização. Um vínculo criador que, há muito, amalgamava os homens de chapéu de palha e as mulheres de pano no cabelo, ambos magros, secos, de cor indefinida, de sorriso Gioconda nos lábios, porém conscientes da *poiesis* que dominam: contar histórias, criar no barro que ali não falta, tecer fios de Penélope, bordar infinitos riscos de bordados/esperança, esculpir troncos com cenas apocalípticas, fazendo, fabricando e, enquanto trabalham, compondo e cantando atos de fé e de vida.

Ano, após ano, lembro-me muito bem, sempre fortemente motivados reuniam-se grupos, em Belo Horizonte, com

Fotos: Verônica Mendes Pereira



o objetivo de convidar profissionais dispostos a apresentar e lutar pelo Vale, numa sofrida busca de parceiros que promovessem, nas cidades da região, movimentos e seminários culturais para criar jornais, festivais com oficinas e espetáculos de muita música. No intuito de realização buscavam imprensa, políticos, governo estadual, municipal, universidades, enfim todas as instituições para sensibilizá-los a contribuir com verbas, ônibus, hospedagem. Inteiramente determinados em um único objetivo: dar escuta às variadas vozes e visibilidade à diversificada riqueza cultural da região. Em seu grande interesse anteciparam a modernidade lingüística, valorizando o falar regional, trazendo-o para suas composições, como no poema de Tadeu Martins: Jequitinhonhês – O Dialeto do Vale:

Urubu não chupa cana
Língua de sogra não tem peçonha
Cantador pra ter coragem
Não precisa ter vergonha
Vou cantar a minha terra
Vale do Jequitinhonha

Nossa língua é diferente
Quando eu falo você nota
Resfriado é difruço
Nome de rã é caçota

Quilo e meio pra nós é prato
E carro de mão á galinhota. (...).

Contagiaram-me com seu entusiasmo e, ao tornar-me uma parceira, essa gente ativa e decidida enviou-me a uma descoberta sem preço, a momentos preciosos cuidadosamente guardados na alma e na retina. Obrigada, Tadeu Martins, Jansen, Guilardo, Wesley, Zizinho, Saulo Laranjeiras, Heitor, Gonzaga Medeiros, Aurélio, Paulinho Pedra Azul, Rubinho do Vale, Gil Amâncio, Titane, Izinho, Dilvando, Márcia, Erildo, Fernando Limoeiro, Tico, Preta, Maria Antonieta, Cleide, Irani, Marcelo Brant, Lúcia Valéria, Dostinho – o Dostoievski. A cada mês de janeiro ou julho, nas férias, subíamos em um ônibus na frente do Palácio das Artes, às dez horas da noite para percorrermos satisfeitos os setecentos quilômetros que nos levariam ao Jequitinhonha: Serro, Diamantina, Capelinha, Chapada do Norte, Turmalina, Minas Novas, Araçuaí, Almenara. E falo apenas daquelas cidades onde fui para coordenar uma semana de oficinas de redação e literatura, fazendo parceria com professores de outras artes: teatro, música, dança. Diversão, à noite? Apreciar os jovens artistas iniciantes em suas carreiras em espetáculos até o surgir da madrugada, nas praças das cidades.

Neste período iniciamos, Reinaldo Martiniano Marques e eu, pelo Curso de Letras da PUC Minas, pesquisa de

Fotos: Verônica Mendes Pereira



campo sobre a Literatura Oral do Vale do Jequitinhonha. A partir dessa jornada, ao percorrer palmo a palmo os lugarejos e vilas para conhecer pessoas e ouvir idosos contadores, minha origem diamantinense expandiu-se pela região e a identidade da gente que ali habita marcou-me em ferro e fogo.

Lidando com a continuação, como bem diz Manuel J. Róiz, aprendi que vergão, dedo e costela quebrados não “torcem o pepino de ninguém”, muito ao contrário, no Vale, tirania e escravidão foram formas de fortalecer e incentivar a população que ali se estruturou em meio a disputas e trabalho na lavoura e nas minas de extração do ouro e diamante. Premidos então pelas circunstâncias, transformaram coragem, resistência, fé em si e na sua terra em reforçada couraça, mantida através da crença na ética das palavras: comunidade e partilha.

Tudo que até aqui se contou sobre o Vale do Jequitinhonha e sua gente explica-se na formação da região que ocorreu dentro dos parâmetros da formação histórica de Minas Gerais. O Vale começou a ser colonizado no século XVIII, através das atividades mineradoras, principalmente, a exploração do diamante. O povoamento iniciou-se pelo Serro (1700), seguindo de Diamantina (1713): a primeira povoação é a Vila do Príncipe, capital da comarca de Serro do Frio; a segunda, o Arraial do Tijuco, demarcado em 1731 como

Distrito Diamantino. A maioria das cidades, formadas até o terceiro quartel do século XVIII, localizavam-se no Alto Jequitinhonha e dedicavam-se à mineração. A Comarca de Serro do Frio, primeira demarcação administrativa da Coroa, era imensa e dividia-se, segundo relato de viagem de Saint-Hilaire,

em dois termos, o do Serro do Frio propriamente dito, e o de Minas Novas. Basta dizer que o principal magistrado da comarca (ouvidor), e os funcionários do governo residem nessa vila. É ainda sede de uma paróquia que tem trinta léguas de comprimento, e compreende onze sucursais e uma população de cerca de trinta mil almas. Certamente que se achará essa população enorme para o interior do Brasil; mas é preciso refletir que a do Tijuco está incluída, e essa vila é a mais importante da província depois da Vila Rica.

Após a demarcação que separou do Serro o Distrito Diamantino, a política administrativa portuguesa estabeleceu um quadrilátero que circundava o Tijuco e nele incluía alguns outros arraiais hoje pertencentes ao município de Diamantina, isolando-os com severas leis, como forma de dificultar o acesso às lavras e evitar contrabando.

A extração do ouro e do diamante acelerou o processo de povoamento e de urbanização, acarretando problemas no abastecimento de gêneros alimentícios para a região. Surgiram, então, no Médio Jequitinhonha, povoações que se dedicaram à pecuária e à agricultura de subsistência, a fim de suprir as necessidades dos núcleos mineradores, onde não era permitida a diversificação de atividades. A imagem da vida social da região nesse período é construída pela descrição dos viajantes estrangeiros, dos memorialistas e dos historiadores que gravam a memória de uma sociedade faustosa, elegante e de grande refinamento cultural. Esta fama, abrangendo os principais e mais famosos núcleos do Alto do Jequitinhonha, criou em torno deles uns cem números de lendas, que regem as fantasias e dominam o imaginário e os desenhos de toda a região.

Na realidade estruturou-se ali uma sociedade que seguia os mesmos contornos sociais da Capitania, compondo-se de uma grande camada de escravos, seguida de homens livres e pobres, geralmente pardos e, no topo da pirâmide, uma pequena camada dominante branca, em sua maioria portugueses, que ocupavam os principais postos administrativos. No início do século XIX havia no Distrito Diamantino, e conseqüentemente em toda a região, uma sociedade heterogênea, cuja classe dominante era ligada à Real Extração, e as outras camadas sociais digladiavam-se pela sobrevivência, sonhando em deparar a qualquer momento com um cargo ou um caldeirão de diamantes. Segundo a historiadora Júnia Ferreira Furtado, existia ali um espaço de diferenças em que o conflito não se dava prioritariamente entre a população como um todo e a férrea administração da Coroa, “mas muito mais entre os setores dominantes entre si, buscando privilégios e cargos, ou entre estes e as camadas dominadas – os escravos, os homens livres e pobres e os desclassificados sociais”.

A situação acima estendia-se por contigüidade a outras povoações cujas condições econômicas e sociais decaíam na medida em que, embora afastadas dos núcleos urbanos principais, dependiam deles.

A decadência da extração do ouro e do diamante proporcionou à enorme população do Vale do Jequitinhonha um duplo movimento: a passagem para a economia de sub-

Fotos: Verônica Mendes Pereira



sistência, ou a dispersão dessa população em direção às terras que margeiam os rios Jequitinhonha e Araçuaí, onde havia condições para o desenvolvimento da pecuária extensiva. No entanto, o abandono em que se encontravam as atividades agro-pastoris, os métodos rudimentares adotados e, mais do que isso, a contração da renda inviabilizaram ou retardaram atividades agrícolas mais arrojadas, fazendo prevalecer a antiga agricultura de subsistência. Relatórios da Fundação João Pinheiro e da Codevale configuram a região como problemática e, ao descreverem-na em seus múltiplos aspectos, frisam que ainda há uma estrutura fundiária defeituosa, com baixos níveis tecnológicos e reduzida ocupação de mão-de-obra.

Entretanto, a persistência das dicotomias históricas entrou em contraste com a rica produção cultural existente na região. Percebia-se, em ebulição, um universo de artistas que despertavam atenção no processo de trabalho das oficinas e seminários dos festivais para um patrimônio cujas vozes traziam informações novas às observações e estudos feitos, tornando-se parte de discussão acalorada dos professores. As cidades mineiras já recebiam notícia e já adquiriam as máscaras afro-indígenas da Lira Marques, as esculturas de Zefa, os Cristos de seu Didi, a música de Paulinho Pedra Azul e de Tadeu Franco; os casos de Tadeu Martins e de Gonzaga Medeiros, os versos de roda dos

Trovadores do Vale; enfim, um universo de arte. Por esta razão, antes do embarque ao campo, a fim de dar início ao trabalho de pesquisa, fez-se necessário conhecer e entrevistar o apaixonado amigo da região, o pesquisador, professor, poeta e cantador Frei Francisco van der Poel – o Frei Chico. Visita de um domingo inteiro, em Santa Luzia, com direito ao almoço, a folhear livros, ouvir histórias, música e contemplar os trabalhos do Vale. De lá saímos com indicações, endereços, conhecimentos e bênção.

Depois... ao Vale! Araçuaí: ladeiras de sol batidas cima-abaixo em busca incessante; morros e vales coloridos, fotografias gravadas no cérebro: igrejinhas, cruzeiros nos olhos, o suor na pele. E as pessoas? Gente linda! O coração tornou-se pequeno para cabê-los. Curei-me de todos os males na benzeção de Luiza Teixeira Ramalho, puro carisma em seu vestido rodado, lenço florido nos cabelos, riso alegre, figura central num ambiente em que a grande televisão e a geladeira tomavam ares de altar. Assentada no catre da benzedeira bem em frente ao altar/televisão, eu olhava a incrível confraternização entre o Pato Donald e as imagens de Nossa Senhora Aparecida, do Rosário, São Jerônimo, São Sebastião, São Benedito; gravuras européias da Madona trazidas da Europa pelos amigos estrangeiros; vasos de flores do quintal florido e flores recebidas, de cera ou de pano; velas acesas, rezas impressas. Huguinho, Zezinho e Luizinho corriam do Tio Patinhas e os netos de Siá Luiza corriam também, em torno de nós, que ouvíamos a oração-história bem acompanhada pelo bater leve do ramo de arruda a aspergir água. Curei-me sim de todas as dúvidas e males ao perceber um momento singular que apontava para a sábia relação existente naquela simbiótica absorção de comportamentos, de assimilação de valores novos em natural e pacífica forma de transformação no interior de uma cultura secular e sedimentada.

E se hoje conto experiências, conto porque vi, ouvi e vivi. Menina, em Diamantina, escutava atenta a avó, a tia-avó e as empregadas contarem histórias, lendas, casos que reviviam assombrações, curas misteriosas e escravos negros senhores de misteriosa magia. Histórias não esquecidas e que, no Vale, ressurgiam, em novo aconte-

Fotos: Verônica Mendes Pereira



cer, redescobertas com novos significados no sentido benjaminiano “de tornar as coisas presentes”. Uma tarefa que, segundo o filósofo, seria própria do anti-historiador: “tornar visível o elemento utópico no presente, trabalhando de frente para trás em direção ao passado”.

Nos meus ouvidos, ecoam, após tantos anos, as vozes harmoniosas do coral Trovadores do Vale a conduzir-nos à casa da Zefa para escutar histórias da artesã e contadora cujos casos e histórias eram pontuados com sonoras gargalhadas para torná-los visíveis na onomatopaica terminologia utilizada. Havia sempre um “zoor”, dizia Zefa ao lado do fogão de lenha, onde Francisca, não contando, fazia pururuca, enquanto nós, estranhos urbanos, ouvíamos a algazarra e olhávamos a serventia dos grandes potes de barro. Os vasos em nossas casas cheios de planta, ali, cheios de água fresca ou com a desconhecida missão de guardar arroz, feijão e farinha. As peças da escultora, entalhadas em pesados troncos, tornavam-se personagens de longas histórias apocalípticas a serem ouvidas e recontadas por quem as quisesse comprar. As paredes da casa de chão batido surpreendiam, cobertas inteiramente por páginas coloridas de velhas revistas. Não se via delas nem um pedacinho! Entretanto, Juscelino Kubitschek, sorridente, olhava-me da Catedral de Brasília; Grace Kelly, linda e elegante, exibia-se em Mônaco; esbeltíssima em seu famoso longo vermelho,

Marylin Monroe, recostada em um divã de Hollywood nos seduzia e José Sarney, ereto em seu fardão, posava na Academia Brasileira de Letras. Montagem artística de sorrisos em dialética muda, personagens partícipes da reunião de cachaça e pururucas, entrando em nossos sonhos, em nossa vida, em nosso lugar e não nos deles, no ato de colocar momentos de nossa história e da História em sobreposição adequada. Gatos, muitos gatos de todos os tons passeavam pelos inúmeros cômodos, aninhando-se, com olhos sonolentos, nos pés e colos amigos.

E é possível esquecer-se do líder petista Paiada? Presente de modo unânime em todas as informações e conversas. Figura de enorme dignidade, contador oral, líder da região, respeitado, amado por sua postura, seu interesse e sua ativa participação na comunidade. Parecia-me, ao fitá-lo, um perfil de herói muito antes já visto em livros da História do Brasil. E à lembrança novamente Walter Benjamin: “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é um tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”.

As diversificadas vozes do Vale do Jequitinhonha não foram caladas pelo duro e longo processo histórico. Na (re) elaboração do passado, nele interferiram e, tornando presente o seu existir, moldaram na sua própria versão, o presente. Como bons artesãos, respeitosos da imensa matéria narrativa de sua existência, transformaram-na e a inscreveram, em ritmo lento e orgânico, na arte expressa entre mão e voz, entre gesto e palavra para determinar sua identidade cultural e sua participação secular na estruturação e permanência da região.

Tantas histórias ouvi, tanto conheci e são tantas as reminiscências a serem contadas, que um dia devo fazê-lo a fim de rever os quatro anos de contatos, estudos, pesquisas, amizades, e o valioso processo de aprendizagem vivido nas cidades do Vale do Jequitinhonha. O diário existe, mas *sabença* é contá-lo e recontá-lo de memória. Um “saber saber” que, para o modernista Mário de Andrade, deve abandonar a dicotomia entre “o erudito de um lado e o popular do outro”, para encontrar na arte do povo motivos de fecunda inspiração. Sabença de contadores e artesãos que buscam relativizar as suas verdades e assimilar certezas de outras culturas para

absorvê-las ao modo que sabe, num jeito de atualizar-se sem perder a idoneidade cultural, gesto antropofágico que organiza os sistemas que pretendem o seu controle. Sabença que nos deixou Luís da Câmara Cascudo, no seu clássico *Literatura Oral no Brasil*;

Compreender a existência da literatura oral brasileira onde eu mesmo era um depoimento testemunhal. Os contos tinham divisões, gêneros, espécies, tipos, iam às adivinhações, aos trava-línguas, mnemonias, parlendas. Ia eu ouvindo e aprendendo. Não tinha conhecimento anterior para estabelecer confronto nem subalternizar uma das atividades em serviço da outra. Era o primeiro leite alimentar da minha literatura. Cantei, dancei, vivi como todos os outros meninos sertanejos do meu tempo e vizinhanças, sem saber da existência de outro canto, outra dança, outra vida.

Apreende-se então que a força do Vale do Jequitinhonha na história e cultura de Minas Gerais é peso pesado. Vale o Vale quanto pesa. O ouro do Jequitinhonha.

Vera Lúcia Felício Pereira

Belo Horizonte, 15 de junho de 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, WALTER. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. 253 p.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, SECRETARIA DE ASSUNTOS MUNICIPAIS. *Plano Diretor para o Jequitinhonha*. Belo Horizonte, 1988. 184 p.

FURTADO, Júnia. O livro da capa verde: a vida no *Distrito Diamantino no período da Real Extração*. São Paulo, USP, 1991. 262 p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1991.

PEREIRA, Vera Lúcia Felício. *O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha*. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Editora PUC MINAS, 1996. 208 p.

MARTINS, Tadeu. *Jogando conversa fora: cordel do Vale do Jequitinhonha*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1988. 62p.

VERA LÚCIA FELÍCIO PEREIRA nasceu em Diamantina. É mestra em Literatura Brasileira pela FALE/UFMG e professora de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na PUC/Minas. Autora de *O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha*.

EXTRAÇÃO

SÔNIA QUEIROZ

o encontro dos rios
o branco
e
o preto

as águas
e
o concreto:
a Ponte.

os peixes
Jequitinhonhas
se beijam por debaixo
da Ponte-do-Acaba-Mundo,

bem ali...
no sem-fim são curvas,
montanhas, memórias
da extração das pedras.

bem ali...
seixos rolados n'água
areia branca, águas claras
de dois Jequitinhonhas

que só um.

SÔNIA QUEIROZ coordena a área cultural do programa Pólo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha e o projeto *Quem conta um conto aumenta um ponto*. Publicou os livros *O Sacro Ofício* (Prêmio Cidade de Belo Horizonte, 1980) e *Relações Cordiais* (Coleção Poesia Orbital, 1997) e participou das antologias *Palavra de Mulher* (Ed. Fontana, 1979) e *Taquicardias* (Ed. Dubolso, 1985).

SÉRGIO ANTÔNIO SILVA

JEQQUI
TINHHO
NHHA

COM
TODAS
AS
LETRAS



Sebastião Bento é tipógrafo em Jequitinhonha desde criança. Aos dez anos, na oficina tipográfica do senhor Adalácio Chaves, aprendia a compor usando tipos móveis, a imprimir valendo-se de uma prensa manual. Nas horas de distração, desenhava letras grandes em faixas e cartazes de cinema. E mais: no cinema do senhor Zoroastro, era ele mesmo, Sebastião Bento, quem exhibia, quem punha para rodar as películas de 15 e de 35 mm.

O cinema acabou nos idos de 1980, mas a tipografia e o desenho das letras ainda fazem parte da rotina de Sebastião Bento, que hoje está com 67 anos. Porém, assim como o homem, a máquina – a técnica – envelhece. A pequena impressora manual de Sebastião, a “feijãozinho” que é a mesma de quando ele era criança, e que já havia dado sinais de cansaço diante das gráficas modernas e seu sistema *off-set*, agora parece agonizar ante a presença de uma máquina muito mais poderosa: o computador. Adeus, cartões de visita, convites de casamento, livros de poesia. Quase não se fazem mais esses impressos em tipografia.

Adeus também ao jornal editado pelo doutor Júlio de Lucena Pereira que, tendo o formato de uma folha de ofício e quatro páginas, demorava uma semana para ser impresso. Uma semana inteira dedicada à tiragem de um jornal, isso é coisa do passado. Atualmente, Sebastião Bento encontra-se descrente quanto ao futuro (do presente: o que terá sido) da tipografia. Além do mais, seus tipos estão “redondos”, gastos, já não imprimem com qualidade. Os rolos da máquina precisam ser reformados, e tudo é muito difícil, segundo ele. Com isso, Bento tem se dedicado mais a seu outro ofício (que, no fim das contas, é o mesmo do tipógrafo): o de desenhar letras em faixas e cartazes. Além disso, pinta telas que podem eventualmente ser vendidas.

A tipografia também parece estar à venda. Sebastião Bento intui que tipos, cavaletes, gavetas,

Fotos: Sérgio Antônio Silva



bolandeira, chaves, cunhas e todo o material branco vão, junto com a impressora, para um museu. Há tristeza nessa idéia, mas comercialmente a tipografia dá seus derradeiros passos. Mas será esta a saída, um museu?

Bem, pelo menos para uma outra tipografia, de uma cidade não muito distante da Jequitinhonha de Sebastião Bento, sim, esta foi a saída – ou o fim. Deixemos, então, o nosso tipógrafo em seu ofício de desenhista de letras para visitarmos o *Museu da Memória do Pão de Santo Antônio*, em Diamantina. O *Pão de Santo Antônio* é um antigo jornal da cidade. Fundado em 1902 (ou 1906, data que aparece em outra fonte), desde então colabora na divulgação das obras de filantropia da entidade que o criou e o mantém em circulação quase que ininterruptamente ao longo desses mais de cem anos de existência, apesar de, atualmente, ele não ser mais o *Pão*, posto que ganhou outro nome, e há algum tempo é chamado *Voz de Diamantina*.



Fotos: Sérgio Antônio Silva



O jornal possuía gráfica própria e, até por volta de 1990, a impressora utilizada era a mesma de seu começo: uma tipográfica do século XIX. Atualmente o *Voz de Diamantina* terceiriza o serviço de impressão, sendo rodado em *off-set*, em gráficas da cidade. O que restou da tipografia do antigo jornal compõe o museu que visitamos. Lá estão prensa, prelo, guilhotina, grampeador, componedor, tudo muito pesado, ferro fundido em outros tempos. Também cavaletes e gavetas; tipos, vinhetas e clichês gravados em madeira e metal; tinteiros e bicos de pena, instrumentos da escrita; máquina de escrever, a-s-d-f-g. Papéis impressos, amarelados e secos, jornais e fotos que nos contam parte da história do lugar. E a impressora E. Durand, vinda de Paris, ali, bem na entrada do Museu, imponente e incompreensível, porque inútil.

O museu guarda a memória da tipografia, mas a estanca, condenando-a ao passado. Talvez a

idéia de um museu em movimento, capaz de operar uma ressignificação da tipografia, fosse mais interessante. Nesse sentido, é preciso, por exemplo, que Sebastião Bento cuide de transmitir seu ofício e que sua oficina se destine a ser um espaço onde gráficos, editores, professores, estudantes, desenhistas, artistas reinventem os modos de produção de impressos (jornais, cartões, livretos, convites e outros, que podemos classificar como objetos) por meio dessa técnica e dessa arte, a da tipografia.

Porém, voltando ao Museu, percebemos sua importância, até mesmo para que os impressos produzidos ao longo de todos esses anos não se percam. Este, então, parece ser o seu lado mais vivo: o inventário, a conservação e a transposição para outros suportes (certamente digitais) do acervo dos jornais *Pão de Santo Antônio* e *Voz de Diamantina*. Essa iniciativa se dá em parceria com instituições de ensino superior presentes na

cidade (a FAFIDIA e, mais recentemente, a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri). No mais, a impressora e outros tantos instrumentos usados na tipografia, sem o espaço do Museu, provavelmente se perderiam – o chumbo e o estanho seriam derretidos, a madeira arderia em chamas e assim por diante.

Já no sentido de uma releitura da tipografia estão, por exemplo, os produtos da oficina “Quem conta um conto aumenta um ponto”, realizada durante a *Jornada Cultural em Jequitinhonha*, promovida pela Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais em parceria com a UFMG, no período de 13 a 18 de novembro de 2005. Sob a orientação do professor Josiley de Souza, a oficina rendeu, como produtos finais, uma publicação artesanal que traz, entre outros textos e imagens, a entrevista com Sebastião Bento de onde retiramos nossos comentários acerca desse tipógrafo e um cartão composto e impresso por ele, com capitulares e vinhetas de seu acervo.

Esses produtos reavivam o interesse (um tanto quanto perdido) pela tipografia e por seu artífice, pois alcançam não só os participantes da oficina e seus leitores, mas também os próprios tipógrafos e donos de tipografias que, despertados para esse novo velho uso (mais artístico do que propriamente comercial), muitas vezes se vêm menos dispostos a vender suas oficinas gráficas para o ferro-velho.

Fotos: Sérgio Antônio Silva



Mesmo um uso misto pode surgir daí, ou seja, o gráfico pequeno do Vale, como os jovens proprietários da “Serro Artes e Impressos”, por exemplo, que montaram seu negócio a partir do espólio da “Tipographia Serrana”, podem aproveitar seus tipos e clichês antigos e suas duas prensas manuais na criação de peças como postais, envelopes etc. destinados à venda aos turistas. Assim, eles preservariam a memória da tipografia que lhes chegou às mãos valendo-se de um recurso comercialmente viável.

Notamos outra releitura da tipografia do Vale na oficina – pioneira, pois se deu no 16o Festival de Inverno da UFMG, realizado em Diamantina, em 1983 – que originou a publicação *Pão dormido*. Esse jornal homenageia em seu título o *Pão de Santo Antônio* e “surge como uma primeira amostra de um trabalho maior de divulgação da literatura diamantinense adormecida nas bibliotecas e arquivos da cidade e



quase totalmente esquecida, privada do concurso à imortalidade, por se ter feito editar em publicações de alcance tão efêmero como são os jornais”. A pesquisa, intitulada “A Literatura em Verso na Imprensa Diamantinense até 1920”, por ter esse recorte, passa obrigatoriamente pelos jornais rodados em sistema tipográfico. Assim é que, em 1983, o *Pão dormido* foi composto e impresso nesse sistema, nas oficinas do *Estrella Polar*, jornal pertencente à Diocese de Diamantina, atualizando, trazendo a novos leitores, além dos poemas selecionados, as letras, vinhetas, marcas da tipografia que, certamente, proporcionam um diferente efeito na leitura.

Por fim, a história da economia, da política, da imprensa e da edição de livros no Vale do Jequitinhonha (e não somente lá) está, até certo momento, diretamente ligada à história da tipografia, que parece viver seus dias de martírio. Para as gráficas atuais, que têm como prioridade

o interesse comercial, a tipografia tornou-se desvantajosa, ficando, assim, relegada aos serviços de numeração, corte e vinco (falamos, aqui, das médias e pequenas gráficas). Quando totalmente abandonada, ela acaba como sucata. Em melhor situação, migra para museus, universidades, ateliês. Seja como for, ainda que sob a pressão do século XXI, ao encontrarmos um gráfico, reconhecemos nele o amor por esse método antigo de compor e imprimir – a tipografia. Esse amor, transformado em arte, pode ainda render boas impressões. É o que esperamos para as letras do Vale do Jequitinhonha.

SÉRGIO ANTÔNIO SILVA é Doutor em Letras: Estudos Literários pela UFMG e professor de Literatura Brasileira no Centro Universitário de Sete Lagoas (UNIFEMM), onde também desenvolve pesquisa ligada à memória gráfica da cidade e região. Publicou, pela Editora Autêntica, *A hora da estrela de Clarice*.

CLÁUDIO BENTO

CORAÇÃO

Para Maria Lira Marques

A terra revolvida
logo se transforma
e já o barro moreno
do chão toma corpo
e poesia.

Nas mãos de Lira o
barro é sabedoria,
as mãos de Lira revolvem,
esganam a terra,
e um coração feito de barro,
feito amor, pulsa e clareia
a canção do povo do vale.



DE BARRO

INFÂNCIA

Do menino correndo
Entre mangas e goiabas.

Do menino malinando
Entre o barro e a enxurrada.

Do menino vivendo entre folia
E procissão.

Do menino passando entre pontes e ruas.

Do menino olhando
Entre pedras e rios.

Do menino nadando
Entre cheias e barrancas.

Do menino crescendo
Entre lendas e candeias.

Restam palavras soltas na solidão dos poemas.

Coração de Barro, 1985

O BARRO

O barro é cada gesto,
cada sentido.

O barro é o feto explodido
do útero da terra.

O barro é o lenço atado ao cabelo da lavadeira.

O barro é cada anseio,
cada canção
dessa gente que sonha com o
coração.

TEAR

Um tear
gemeu dentro da
noite escura
tecendo rendas,
roupas do capitão de Tambor.

Um tear
gemeu tecendo emendas
de sonhos.

{ **CLÁUDIO BENTO** é poeta, nascido no município de Jequitinhonha. Ganhou diversos prêmios no Brasil e no município.

A vida sempre vale. tudo cabe...

A cultura, uma troca de convivências, uma comunhão de saberes, criados e recriados. A literatura, um extravasamento do sensível que cada alma leva em si por via da palavra, uma criação cuidadosa em troca da transcendência do homem e da própria idéia de humanidade.

No Vale, essas trocas acontecem, abundantes e ricas, no convívio comum das pessoas comuns (contudo, almas do Vale!) que contam as histórias dos velhos para os mais moços, que as aprendem e recontam a outros moços, ou as levam a outros recantos, que cantam as cantigas antigas, cantigas do costume, enquanto tecem, enquanto fiam, enquanto modelam no barro as formas, as

cores e as caras da gente e dos usos do Vale. Essa convivência, mais criativa que sofrida, sempre a favor da vida – nunca da morte – é o que caracteriza a região, é como o povo se reconhece, se identifica. É um traço que, inevitavelmente, se releva nos homens de letras que compartilham desse berço.

Pessoas que tornaram seus nomes conhecidos simplesmente pela realização de sua arte e muitas vezes pela intenção deliberada de levar um pouco do Vale para fora do Vale. Muitos nomes se destacam, como se fossem as estrelas que iluminam um céu de noite de cantoria, para ajudar a fogueira que vai se consumindo (como os próprios homens) na terra, e que são impossíveis de serem absolutamente contadas.

Na arte da palavra,

Fácil lembrar de uma canção de Paulinho Pedra Azul, de Pedra Azul. Comovente e impressionante o encontro com o poeta Adão Ventura, o homem econômico na palavra e transbordante no sentimento e sentido da luta pela vida. Inesperados os caminhos pelos quais o romancista do Serro, Oswaldo França Júnior, nos conduz com suas histórias de homens e mulheres que poderiam ser cada um de nós. Enriquecedores e esclarecedores os relatos do cronista, também do Serro, Joaquim Felício dos Santos, acerca da história das Minas Gerais. Assim como a iniciativa de perpetuar memórias do museólogo e historiador Abílio Barreto, filho de Diamantina. Admiráveis, pela força das tradições e de antigas línguas distantes, os cantos afro-descendentes dos negros do garimpo



diamantinense, descobertos por Aires da Mata Machado Filho. E, do mesmo modo, interessado em documentar a contribuição africana na nossa formação cultural, também o pesquisador



Nelson de Senna. E, ainda, no mesmo empenho de registrar uma das faces do nosso patrimônio cultural, Couto de Magalhães nos apresenta uma recolha e tradução de contos indígenas.

Dos múltiplos olhares que pousaram sobre o Vale, ainda a leveza do olhar de menina de Helena Morley, através do qual a escritora Alice Dayrell, nos mostra a Diamantina dos fins do século XIX. A preocupação de Teófilo de Azevedo Filho, poeta, escritor e cantor, de Bocaiúva, que publicou livros nos quais enfatiza a cultura e o conhecimento do povo do Vale do Jequitinhonha, bem como seus versos, aos quais acrescenta os próprios. Além da poesia de Cláudio Bento, de Jequitinhonha, construída



com a singeleza dos recortes que faz das imagens de seu Vale. Mais além, ainda comprometidos com as palavras, poetas como Wesley Pioest, de Rubim; Maurício Carvalho, de Araçuaí; Narciso Durães, de Salinas; Ruy Barreto, de Coronel Murta; o poeta e cordelista Tadeu Martins, de Itaobim; o poeta e jornalista Adolfo Araújo, fundador de “A Gazeta”, jornal do Serro. Muitos destes, presença antiga no Suplemento, ora como escritores, ora como tema.

Naturalmente, nem todos que enriqueceram as letras de Minas e do país, puderam aqui ser mencionados. Aliás, grande parte dos que dedicam um tanto de seu tempo a alguma elaboração



artística da palavra, é anônima, uma característica do Vale que merece ser ressaltada. No entrelaçar dos dias, a autoria é partilhada – vence o tempo, perpassa as famílias, torna encantadas as almas... E conforme a comunhão das pessoas, a comunhão dos saberes, vai alimentando a vida de cada um, enquanto cada um vai alimentando a si próprio. E é conscientemente coletiva a responsabilidade pela constituição da matéria vida – tão fina – da perpetuação da espécie homem por meio de sua palavra. No Vale, a vida sempre vale...

AMANDA SÔNIA LÓPEZ DE OLIVEIRA. Estudante e pesquisadora da Faculdade de Letras da UFMG. Professora da rede pública de ensino.

UMA VOZ NO VAU

JOSILEY FRANCISCO DE SOUZA

Pedro Cordeiro Braga era contador de histórias do Vau, povoado que se situa às margens do rio Jequitinhonha, no município de Diamantina. O lugarejo é cortado pela Estrada Real e, segundo o Censo Demográfico de 2000, possui 111 habitantes.

O Vau localiza-se na área da antiga Comarca do Serro Frio, onde se formou o Arraial do Tijuco, um dos mais importantes núcleos da atividade mineradora em Minas Gerais, no século XVIII. O nome do povoado vem da época de auge dessa atividade na região. O povoamento formou-se às margens do trecho mais raso do rio Jequitinhonha, por onde passavam bandeirantes e viajantes europeus que adentravam o Vale em busca de riquezas naturais; daí o nome *Vau*, que significa local raso de um rio, mar ou lagoa, por onde se pode atravessar a pé ou a cavalo.

Pedro Braga nasceu em 1917 e faleceu em 2001. Era filho de garimpeiros e morou durante toda a vida no Vau. Observa-se nele a figura do narrador sedentário definido por Walter Benjamin: aquele que, vivendo sempre em um mesmo lugar, guarda e transmite a memória de sua comunidade.¹ Em suas histórias, narrava o Vau desde o auge da atividade mineratória na região – lembrando os sofrimentos enfrentados pelo escravo negro e os grandes proprietários dessa época – e contava, também, casos de lobi-somem e mula-sem-cabeça; narrativas tecidas de geração a geração, no exercício de ouvir e de contar.

Entre os narradores de comunidades que preservam viva a arte de contar histórias, Pedro Braga destaca-se por sua relação com a palavra escrita. O contador do Vau representa um caso particular, uma vez que a grande maioria dos contadores de tradição oral não são alfabetizados e, assim, constituem uma comunidade que, geralmente, permanece à margem da cultura da letra.

Apesar de ter freqüentado a escola apenas por cerca de três anos, Pedro Braga sempre cuidou em registrar suas histórias. No desenvolvimento de minha dissertação de mestrado, *Pedro Braga: uma voz no Vau*, localizei junto à família do contador 14 cadernos manuscritos em verso e prosa. No entanto, esse número não corresponde à totalidade de sua produção escrita, já que, segundo informaram os familiares, alguns cadernos se perderam após a morte do contador, além de o próprio Pedro Braga ter-se desfeito de muitos de seus escritos.

e amigo confiante de terreno que
si achava la fuma que eli comunicassi
para eli não perder esta oportunidade
de cair fora, foi o que a comte de Juazeiro
Paula escreveu imediato pôs dois mil reis para
a despesa de eli do caminho de ir de fora
a comte de Juazeiro, foi mesmo com volta a
cádia e o Antonio do Santos Caio
fora; durante este tempo eli começou
conhecimentos com o alajadinho que
alcançou um fono para a sala de sua
fazendinha era ^{uma} maravilha era
que tem com o corpo de anjo e o pole
tudo em madeira feita pela mão do
alajadinho todo que se ver admirável
oficial e o dono proprietário não
deu este tão preço, o maior deu a
casa o tablado de ^{cural} e deu o fono

Comprei as vestes tradicionais e chefi das
escravos do Senhor Zidjal era conhecido
por pai Curubi porque era o mais preto
de todos e curava comfome eu ouvia as
mais belas palavras que eli tinha parti com
o espirito do mal ouvir amito dizer que

Nos textos em verso, pode-se notar que a vida de Pedro Braga prevalece como assunto principal. O contador escreveu, por exemplo, um longo poema autobiográfico, em que narra sua vida desde o nascimento até a idade adulta. Em outros poemas, também se pode ouvir a voz do contador, revelando-se uma poesia lírica, em que, muitas vezes, Pedro Braga expressa sentimentos e reflete sobre a vida.

“A saudade é minha rôxa flor
Di morada veio para maguar meu coração
Quantas maguas que mi causa dor”
”Meu deus quando fizer a minha difinida partida
Por esta mais longa estrada no espaço
Ainda ouvindos os sonoros cantar dos passaros
Com as ternuras di meu contrito coração
Abraçando as saudadis nos meus avansados passos”

“Sua canção do exzilo

Quando a manhã
Vem dispontando
O sol raiando no horizonti
Mi deicha ver teus raio di ouro
Di verdi e louro
Por soubri os montis
Toda riqueza que aqui vejo
Não mi faz desejo
Não quero as ter
Brilhanti luz jardineira
Leva sempri o amor a felicidade
A luz do luar
Protegi o amor
Sua luz preciosa
Pelos apachonados trovador”

É possível identificar nos versos de Pedro Braga características da poesia romântica. Nas estrofes transcritas acima, alguns traços do Romantismo se fazem presentes, como o canto de sentimentos individuais, a religiosidade e a referência a um dos poemas que se tornaram símbolo do Romantismo no Brasil: “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias.

Durante minha pesquisa de mestrado, a dúvida acerca desse poema não foi esclarecida: Pedro Braga teria conhecido o poema de Gonçalves Dias? Um processo transtextual consciente? Não foi possível alcançar essas informações, mas, devido à repercussão do poema, talvez Pedro Braga tenha realizado um processo transtextual consciente ao intitular “Sua canção do exzilo”,

que assim como o poema de Gonçalves Dias, canta as belezas de uma paisagem natural.

Nos textos em prosa, o contador dedicou-se ao registro da memória do Vau. Em um de seus cadernos, ele escreveu, por exemplo, a origem do nome do povoado:

“Outros detales vou deichar eu Pedro Cordeiro Braga as partis historica di Vau escrita conformi as tradições di meus pais tradozida di seus avós sendo na era do çeculos fims do ceculo 16 a prinçipio do ceculo 17 foi criada a Vila do principi houji a çidadi do Serro. Temdo esta linha di comunicação di Vila Rica a tradicional cidadi di Ouro Prêto. Semdo disbravado pelos bamdeiranti ate o local ondi foi elevada a historica cidadi di Diamantina. Semdo o único trêcho do rio Jequitemhonha que conceguiram travessar foi em Vau ficando esti nomi di origem pela passagem.”

Nessa memória inscrita por Pedro Braga, seja por intermédio da voz ou da letra, nota-se a emergência do personagem negro com importância fundamental. No acervo de gravações do projeto de extensão e pesquisa *Quem conta um ponto aumenta um ponto*, da Faculdade de Letras da UFMG, há cerca de 120 minutos de gravações sonoras feitas com Pedro Braga pelos pesquisadores Reinaldo Martiniano Marques e Vera Lúcia Felício Pereira, respectivamente, em 1988 e 1989. Nas gravações, o contador, além de falar sobre sua vida e sobre o exercício de contar e escrever, narra 18 histórias que contam sobre o passado do Vau e sobre assombrações. Nas narrativas cujo assunto é o passado do lugarejo – 13 das 18 histórias gravadas –, há o destaque para o personagem negro, que será o tema central de 11 narrativas.

As dificuldades enfrentadas pelo negro na condição de escravo despontam como assunto principal. O negro aparece sempre em um contexto de subserviência e de sofrimento. Na história transcrita abaixo, “Seu Tiotônio e o iscravo fugido”, Pedro Braga destaca os castigos impostos àqueles que tentavam fugir das senzalas.

“Aqui, nesta casa onde tá situada a creche hoje, essa casa foi do Manuel Tiotônio, um sinhô que havia aqui no Vau. E esse sinhô era muito cruel co’os iscravo. Intão, os iscravo dele, vários, fugiam, afastando dos rigores. E ele mandava pedrestre pra sai à procura daqueles mais rebelde, e costumava mandá matá, qu’ele quiria vê ao meno a orelha de comprovação.

Inclusive, lá na Serra onde ficô com nome de Serra do Rela-Pôpa, tava iscundido um desses iscravo, e o pedreste discutriu lá numa ôta lapinha por cima.

eti mexia angui com a mão; nesta vez o
chefi das escravos do Senhor Joaquim de
Paula convidou o pai Curubi para dançar
Samba na fazenda do D. João e foi mais
companheiro o chefe das escravos do Joaquim
de Paula e chama-se Jacarandá. Tomou um dia
de equitação admirável. Chutei o rabão e quando
à tarde para dançar o samba com várias escr-
vas do D. João e Jacarandá mandou que
matará um gallo grande para o jantar do
pai Curubi e um companheiro, contou de todos
começaram a comer o pai Curubi e os outros
seus companheiros não foi cabeça de burro
mandou que depositar numa travessa a travessa
do jantar momentos depois o pai Curubi tirou
do forno que guardava numa caixa de couro
revelou as ossas e falou uma linguagem
que ninguém em tempo Ricardo Salgado e ele
não conhecia que o fôgo de ti amido esta
passagem através de falar esta linguagem uns
doz minutos depois em o brevedade todos
que ali se achavam viram o pai mecher
o pai Curubi levantou tron o pai mecher
estava perfeito e ele disse com a angaria
o fôgo pulou na mesa e cantou o Jacarandá

[Entrevistador: Pedestre é o que procurava os escravos fugidos?]

É o que procurava. E ele, quando se viu agredido pelo pedestre, sem jeito de iscapula, o único caminho qu'ele preferiu foi sentá nessa serra lisa, que tá lá por prova a distância, até que hoje um moço num tava comprovano? Ele sentô e desceu chiano pra serra a baixo, até isbarrá den' do rio, mas chegô pra den' do rio já quase morto, porque as carne ficô toda'garrada lá. Ai, acabô qu'ele teve de intregá, já quase morto; acabô ficando essa fuga, essa resolução dele preferi descê sentado num adiantô, né?, ele morreu sempre."

Nessa história, percebe-se a participação importante do personagem negro na memória do Vau. O contador, ao narrar o sofrimento imposto ao escravo negro por um homem branco, revela a história de um antigo casarão, ainda hoje existente no Vau, que teria pertencido a Manuel Teotônio, dono de escravos. Em seguida, o negro, vivendo a opressão do período da escravatura, é protagonista de um acontecimento que define um topônimo do Vau: a Serra do Rela-Pôpa.

Situação análoga pode ser observada na escrita de Pedro Braga, em que, mais uma vez, nota-se a importância do negro na elaboração da memória do Vau. Em um de seus cadernos - com mais de 100 folhas manuscritas, em que o contador registrou a história do povoado transmitida por seus antepassados -, novamente surgem narrativas em que se destaca a presença do personagem negro.

Isso pode ser verificado em histórias sobre negros que, entre os escravos, eram líderes, conhecidos como "pais". Apesar desses "pais" representarem a presença do homem branco entre os negros, já que tinham a confiança dos senhores da casa grande e funcionavam como chefe dos escravos, os negros dominam o enredo das narrativas. Na história "Pai Urubu e Pai Jacarandá", registrada por Pedro Braga, é narrado um episódio em que os negros se reúnem para fazer um "semba" em um dia de folga dos trabalhos de mineração. Destaca-se o poder sobrenatural de Pai Urubu e de Pai Jacarandá, que fazem um duelo de forças através da palavra falada após um jantar. Durante o "semba", para o qual os negros haviam preparado três galos, Pai Urubu reúne ossos que sobraram do jantar e depois de pronunciar palavras em língua africana faz surgir um galo vivo. Então, Pai Jacarandá transforma o galo novamente em ossos após dizer: "Volta, angaro, para o seu lugar".

Faz-se interessante observar nessa narrativa o uso da palavra *angaro*, empregado por Pai Jacarandá no envio de ordens ao

galo. *Angaro*, segundo informaram os angolanos Amadeu Chitacumula e Manuel Taho, estudantes da UFMG, respectivamente falantes nativos das línguas africanas umbundo e quimbundo, significa nessas línguas *galo*. Assim, em "Pai Urubu e Pai Jacarandá", o negro, silenciado nas senzalas, dispõe a realidade em outra ordem: em língua africana, ele toma a palavra e demonstra seu poder.

Essa importância atribuída ao negro pode ser encontrada também nos versos de Pedro Braga. Em um de seus poemas, a crise, instaurada na região após o declínio da atividade mineratória, apresenta-se como um castigo divino contra os sofrimentos impostos ao escravo negro pelo homem branco:

"O Vau devia ser boa çidadi
Pelas riquezas que aqui foi tiradas
Ficou so pelas sertas tradições
Acabou como aguas passadas
Os herdeiros dos poderosos semhoris
Deviam houji ser os mais ricos
Gamhou toda riqueza com o braço cativo
Os deçemdentis ficaram foi no pinico
Eram quatro bocas di maxado
Em roda dos paos roliços
Quem trabalha quer ser pago
Quem paga quer ver serviço
Quem comi o suor alheio
Não vai ver as falçis di Clisto
O pai roba filhos comi
Acabou todas riquezas
Ficando os netos com fomi
Gozaram muito do braço cativo
Julgando que nunca passava aquela fasi
Ainda derrotou muitos bem di raiz
A procura do que não nasci"

Desse modo, Pedro Braga produz um discurso que difere de discursos hegemônicos, como a própria literatura brasileira que, ao longo de sua história, promoveu, muitas vezes, um silenciamento do negro, como apontam estudos contemporâneos de críticos como Zilá Bernd e Eduardo de Assis Duarte.

Observa-se que a escrita de Pedro Braga não segue as normas do português padrão e revela uma harmonia com o discurso oral. As convenções ortográficas, por exemplo, são substituídas por uma grafia que se orienta pela realização sonora das palavras, em que *de* passa a ser grafado como *di*; *hoje*, *houji*; *melhor*, *milhor*; *três*, *treis*; *roubei*, *robei*.

embaralhava as coisas e dava volta ao garo
para o seu lugar o garo voltou em casa.
O Senhor Fidigal com as riquezas que
tirou com o cano de terra e em canalado
do Acaíba mundo mas pela falta de parti
o volume da água raiou todo e as coisas gastou
toda sua economia porque era difícil fazer
o cerco para deixar a água, quando ia estava
recolhendo um dos canais saio para aquecer
no sol curio uma vez dizer fa e hora outra
reparou eodi menti momento o cerco deu uma
entrou de bem tou em encontrando quase todas
as coisas dentro do em canalado mantendo tudo
fi mesmo o acaíba mundo a final o Senhor
Fidigal a prolegrou o chão a terreno comeara
para uma afeitada e sumio para nunca mais

O Pau devia ser boa cidadã
Pelas riquezas que aqui foi tiradas
Ficou só pelas suas tradições
Acaíba como águas paradas

Os herdeiros das proleiros sim tões
Duram longi ser as mais ricas
Ganhou toda riqueza com o braço cativo
Os descendentes ficaram fi no juízo

Como contador de histórias, Pedro Braga garante a oralidade em seus manuscritos, transformando a leitura de seus textos em uma espécie de convite à escuta de uma voz inscrita segundo a tradição oral. Desse modo, palavras homófonas são escritas a partir de sua pronúncia, desconsiderando-se a existência de diferentes grafemas para um mesmo fonema, determinada pelas convenções ortográficas. Um exemplo pode ser destacado nas palavras em que ocorre o som, representado na escrita por *x* ou *ch*. Na grafia dessas palavras, Pedro Braga não segue as normas ortográficas, alternando aleatoriamente entre *x* e *ch*.

“Foi esta agua que lavei meu rosto
Na morna fonti que di meus olhos brota
Por esti anjo que foi sedo embora
Lonji deichou dormindo a materia morta”

Para representar os sons [s] e [z], é possível observar um emprego que, em alguns momentos, torna-se também aleatório. Por vezes, Pedro Braga representa o som [s] por *s* em palavras que, segundo as regras ortográficas, deveriam ser escritas com *c*. Na representação do som [z], o contador também foge às normas da ortografia: a letra *s*, algumas vezes, é substituída pela letra *z* – *sincoenta*, *sertas*, *mezes*, *defeza*.

O vínculo dos manuscritos de Pedro Braga com a oralidade revela-se também na estrutura dos textos. Em alguns trechos é possível reconhecer a busca do contato estabelecido entre o narrador e o ouvinte durante a *performance* do contador de histórias. Há a tentativa do narrador de se fazer presente, de corpo vivo; uma busca pelo preenchimento do “espaço da teatralidade” que, como observou Roland Barthes, está ausente no texto escrito.²

O contador do Vau inicia a história de sua vida do seguinte modo:

“Agora conto minha vida
Do dia di meu nascimento
Assim que abri os olhos no mundo
Eu vi mais foi soflimento”

Destaca-se nessa estrofe a presença do verbo *contar* na primeira pessoa, engendrando um texto em que o contador de histórias está presente, já que o narrador, o próprio Pedro Braga, assume a palavra e *conta*. Empregando o verbo *contar* no presente do indicativo, o tempo instaurado no texto é o presente típico da atividade de contar, em que se narram fatos do passado que são atualizados pela presença do narrador.

Apesar dessa escrita que valoriza o som, é possível verificar que os manuscritos de Pedro Braga não são apenas reprodução de sua fala. Os textos do contador do Vau mostram que ele era ciente das diferenças entre língua escrita e língua falada, e de que seus manuscritos fugiam às normas do português padrão, como em seu poema autobiográfico:

“Primeiro peço minha desculpa
Pelos erros e dos borrões
Não estudei o serto portugues
Pobri nunca tem condições”

Surge nesses versos a relação hierárquica estabelecida, muitas vezes, entre língua escrita e língua falada, em que a primeira torna-se modelo a ser seguido pela segunda. Nessa relação, a escrita torna-se a “língua certa”, “o serto português”, em detrimento de várias outras línguas de falantes que não dominam o padrão escrito.

Consciente da existência de um “serto” português, Pedro Braga, muitas vezes, emprega construções que não fazem parte do seu dialeto, como as construções com verbos e pronomes na segunda pessoa:

“Ao bom ladrão *convosco* tambem crucificado
Jesus quando em seu reino tiver chegado
Lembra-ti di mim que ao seu lado”

Esse emprego da segunda pessoa demonstra a tentativa do contador do Vau de conferir a seu texto um “*status* da escrita”. Situação semelhante foi observada pela pesquisadora Edith Pimentel Pinto no estudo do português popular escrito, a partir de cartas produzidas por pessoas com baixa escolaridade, em que os autores rejeitavam a oralidade em favor do formalismo da escrita.³

Além do uso da segunda pessoa, Edith Pimentel Pinto apontou a hipercorreção como outro elemento a revelar uma busca do *status* da escrita nesses textos. Situação semelhante pode ser observada nos textos de Pedro Braga. Na estrofe abaixo, foi empregada, por exemplo, a palavra *findo* em lugar de um termo mais cotidiano como *último*.

“Eu vi meu *findo* momento
Quis beija-la pelo meu soflido amor
Ela negasti e por fim mi jurasti
Pelas minhas sentidas dor”

Apesar dessa tentativa de conferir o *status* da escrita a seu texto, Pedro Braga não afasta a oralidade de seus manuscritos. Entre os

“borrões” causados pelo desconhecimento do “serto” português, outra certa língua inscreve-se guiada pelo som. Sua escrita parece lutar contra a “tirania da letra”, que, como observou o lingüista Ferdinand Saussure, impõe regras e modifica a língua. Nessa fuga à tirania da letra seus manuscritos se inscrevem no vau da palavra, num entrelugar onde atravessa a oralidade e a escrita. O que prevalece nos textos de Pedro Braga é o desejo de escrever, que supera o desconhecimento de regras da gramática da escrita. A proposta de Roland Barthes publicada em *Aula* - a existência de tantas linguagens quantos desejos houver - realiza-se no Vau.⁴

E se Pedro Braga colocou a escrita a serviço da sua voz, ele a colocou também a serviço de sua comunidade, não só no registro da memória do Vau. O contador, durante parte de sua vida, trabalhou como agente do correio do seu povoado. O trabalho sempre foi realizado de forma voluntária. O pagamento era a garantia de um importante meio de comunicação para o Vau que, até meados da década de 80, não possuía energia elétrica ou telefone. Mas houve uma época em que esse meio de comunicação esteve sob ameaça de ser fechado, devido ao fraco movimento das correspondências. Ali, quase ninguém escrevia. Pedro Braga começou então a anotar o endereço de todos que passavam pelo Vau. Logo, viajantes, antigos moradores... tornaram-se destinatários do contador que, com suas próprias cartas, garantiu o movimento das correspondências e impediu o fechamento do correio.

Tal fato inspirou a criação do personagem Antonio Biá, figura chave do filme *Narradores de Javé*, segundo longa metragem da cineasta paulista Eliane Caffé. O contato inicial entre contador e cineasta aconteceu por intermédio de cartas, após Eliane Caffé ficar sabendo do episódio do correio pelo livro *O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha*, de Vera Lúcia Felício Pereira. Em 1998, a cineasta visitou o Vau e conheceu Pedro Braga pessoalmente.

No Vau, a palavra configurou-se, assim, como elemento salutar. Do verbo moldado entre a letra e o som, entre o traço e a voz, fez-se poesia, vida e história.



Maria Lira Marques, máscara em barro.

1. BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 198-1999.

2. BARTHES, Roland. *O grão da voz*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 9-10.

3. PINTO, Edith Pimentel. *A língua escrita no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 78.

4. BARTHES, Roland. *Aula*. 9. ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, [s/d], p. 25.

JOSILEY SOUZA é professor, mestre em Literatura Brasileira pela UFMG, e contador de histórias.

FILOSOFIA

A Fred e Flávia Guerra

A vida
tem várias versões
- Eu prefiro
a mais simples,
a sem enfeites,
como a correnteza
das águas.

PAISAGENS DO JEQUITINHONHA

A Denise Emmermacher

Quem dança no vento
do ventre das águas
do Jequitinhonha?

Quem detém dos pássaros
o ziguezaguear de vôos
recompondo sombras
sobre lixívias e lavras
de Chapada do Norte?

Quem imprime
em argila
a singeleza dos gestos
dos artesões de Minas Novas?

DANÇANTES DO SÊRRO

(Festa do Rosário)

Marujos *

Marejando
máscaras
da maré do ouro
sambando aventuras
do terra adentro.

Sobre o escuro das catas
o estrume das castas

- Minerar de ganâncias & mixórdias.

*Os Marujos simbolizam o descobrir, o que veio de longe, o estrangeiro de punhos rendados.

Estes poemas são instantâneos de uma viagem cultural de 1979. Ventura, Adão. Livro Jequitinhonha, poemas de Adão Ventura. Coleção Almanaque de Minas, Mulheres Emergentes. MCMXCVII. Edição Revista e Ampliada.

AÍDA CAMPOS é artista plástica premiada em 1994 no IX concurso Minastenista de Artes Plásticas e no I Salão de Artes Plásticas da PBH, tendo participado de exposições coletivas e individuais em salões municipais e interior de MG e em outros estados do Brasil.

